

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

CRISTINA ROCHA
(Depoimento)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Cristina Maria Vieira da Rocha (CR)

Entrevistadores – Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Dilene Raimundo do Nascimento (DN)

Data – 24/05/2002

Local – Maceió/AL

Duração – 1h37min

Transcrição – Maria Lucia dos Santos

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Júnior e Dilene Raimundo do Nascimento

Sumário – Gissele Viana Carvalho e Dilene Raimundo do Nascimento

Resenha biográfica – Dilene Raimundo do Nascimento

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ROCHA, Cristina. *Cristina Maria Vieira da Rocha*. Entrevista de história oral concedida ao projeto *A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024, 48p.

Fita 1 - Lado A

AB - ... e sua erradicação no Brasil, entrevista com Dra. Cristina Maria Vieira da Rocha, entrevistada por Dilene Nascimento e Anna Beatriz Almeida, em Maceió, Alagoas, no dia 24 de maio de 2002. Fita 1. Então, Cristina, a gente... começando, a gente vai lá para o comecinho assim, para tentar entender como é que é a relação tua e da tua família com esse campo da saúde. Se tinha pessoas que trabalhavam na área de saúde? Da saúde pública? Com a medicina? Se isso era uma questão presente na tua formação?

CR - É, meu pai ele foi guarda-sanitário, não é? Da época... daquela época da... saúde pública, dos guardas que iam de casa em casa, que colocavam veneno na... inseticida nas coleções de água para matar os mosquitos. Quer dizer, na realidade, ele começou a trabalhar como mata-mosquito, não é? Na saúde pública, na Secretaria de Saúde, daquela época.

DN - Aqui em Alagoas?

CR - Aqui em Alagoas. No interior... depois ele veio trabalhar aqui na capital, mas já não mais como mata-mosquito, mas mais com uma atividade administrativa. E como atividade administrativa, quando eu fiz 18 anos, eu fui trabalhar com ele, porque era coisa na faixa de administrativa. E, nessa época, eu fazia pedagogia e na convivência lá... (interrupção da gravação)

AB - Aí você trabalhou com ele na Secretaria?

CR - Na Secretaria de Saúde, não é? E aí lá na Secretaria eu terminei pedagogia e tinha um grupo ligado à educação e saúde, o secretário naquela época, ele tinha um interesse em estruturar essa área, já tinha mandado algumas pessoas fazer o curso em São Paulo, aí me mandou fazer. Eu fui pela Secretaria fazer o curso de Educação em Saúde Pública.

DN - Foi em que época isso?

CR - 1973. E na volta do curso, eu trabalhei três anos na Secretaria, na área de Educação e Saúde. E, é desse período, eu já tive numa... a gente fazia trabalhos em várias frentes, não é? Na capacitação de pessoal, a gente fazia um trabalho de educação junto aos profissionais e trabalhava em algumas áreas. Uma dessas áreas era a vacinação. Então, eu

lembro dessa época a gente fazendo campanha de vacinação contra o sarampo, na área aqui Riacho Doce, na área mais de praia. Eu lembro muito bem disso, eu acompanhando uma equipe de vacinação. E... assim, a minha primeira ligação, não é? Trabalhei muito com... na campanha antirrábica canina, também...

AB - E aí, tipo assim, o que era esse trabalho mesmo? Você quando fala “trabalhei,” é na divulgação? É na preparação das pessoas que iam estar vacinando?

CR – Era na preparação das pessoas, na divulgação, e também acompanhando as equipes, na própria vacinação mesmo.

AB - No dia ali?

CR – No dia, não é? Vendo... tinha locais que tinha muita gente para vacinar, a gente ficava lá junto, organizando fila. Indo ver posto de vacinação lá mais longe, para ver como é que estava a situação.

DN - Porque aqui em Alagoas tinha campanhas sistemáticas?

CR - Tinha, tinha. Tinha. Essa campanha de sarampo... eu lembro que a gente... a gente teve um trabalho também na Campanha de vacinação contra a meningite, que foi em 1975, não é? Eu trabalhei bastante nessa... A campanha de meningite a gente se envolveu mesmo na questão da divulgação, não é? Da divulgação, da mobilização da população para aquela vacinação. Porque toda a parte operacional e logística veio do Ministério da Saúde, que foi uma verdadeira operação de guerra, aquela vacinação contra a meningite. E as outras vacinas eram uma coisa mais local, não é? Nós tínhamos um médico da Fundação SESP, era Paulo Leal, que é conhecido aqui em Alagoas, é um cara assim, venerado, na área de saúde pública. E, ele era coordenador da vigilância. E ele foi uma pessoa assim... eu digo que ele foi o meu pai na área de saúde pública de epidemiologia, não é? E, a gente trabalhou muito junto nisso. E (barulho externo) depois, quando eu estava no Ministério, eu vinha aqui fazer algum trabalho e ele ainda estava aqui, já... já velho, já... e ele dizia assim; “Ah, aqui está tudo certo, você pode ir se embora, vá ver sua família!” (risos) Entendeu? Uma figura!

AB - E ele era uma pessoa da Fundação SESP, mas que trabalhava na Secretaria?

CR - Que trabalhava na Secretaria de Saúde. Tinha essa articulação, tinha vários profissionais trabalhando aqui, na Secretaria de Estado naquela época. (barulho externo) E eram profissionais que tinham essa experiência toda que a Fundação SESP tinha e eles se colocavam a serviço mesmo da Secretaria.

DN - Quer dizer, então, o setor de educação e saúde tinha uma equipe?

CR - Tinha uma equipe.

DN - Que parte era inclusive do SESP, nessa...?

CR - Não, não, não. Era... o SESP, ele trabalhava muito mais na questão da prestação de serviço, na área de vigilância epidemiológica. Na área de educação e saúde era uma equipe daqui mesmo, não é? E foi um período em que a área de educação e saúde em Alagoas, ela tinha uma equipe muito forte. Era grande, era forte, tinha uma atuação tinha uma... tanto que Alagoas mandou várias pessoas fazerem especialização em São Paulo. Era conhecido em São Paulo. E... porque no ano que eu fui, foram duas, no outro ano foram mais duas. Então, o secretário tinha esse interesse e essa visão de especializar e colocar na área de educação e saúde. Tinha uma pessoa muito boa aqui, que era coordenadora da área e que hoje está em São Paulo. Mas que batalhou muito, criou, fortaleceu.

AB - Você lembra do nome?

CR - Ah! Gentil [de Albuquerque] Malta?

AB - Gentil Malta? E o secretário nesse momento, quem era?

CR - Era o Armando Lages. Ele era irmão do governo, o governador Afrânio Lages. Uma pessoa... aquelas pessoas antigas (estalando os dedos) da área da saúde, entendeu? Aí ele... depois eu ainda fiquei aqui até... eu fiquei até o final de 75. Aí fui... nesse período, eu tive vários contatos e mandei meu currículo para Fundação SESP. Aí fui chamada para trabalhar na Fundação SESP. Inclusive o próprio pessoal, Paulo Leal e todo mundo lá, deu a maior força, “Vai é ótimo, não o que...” Realmente era ótimo, porque dobrava o salário, primeira coisa importante, não é? E assim, a Fundação SESP tinha uma história na área de saúde pública e na área de educação e saúde. Ele tinha... o profissional de

educação e saúde, especialista, era um... fazia parte da equipe multiprofissional de supervisão na Fundação SESP. E, foi realmente uma escola, não é? Só que na época que eu fiquei na Fundação SESP, eu não tive muita relação com vacina diretamente, não. Eu fui mais trabalhar no que eles chamavam de Programas Especiais, que era o Programa de Controle da Esquistossomose, aquele projeto “Melhoria da Habitação Rural para o Controle da Doença de Chagas”. E, fazia um trabalho de supervisão as unidades de saúde da própria Fundação, mas era uma coisa bem global, não era muito específica de vacinação.

AB - E aí você trabalhou aqui no Estado ou em outro Estado?

CR - Não, aí eu fui para Paraíba, não é? Fiquei três anos. Sai daqui... É, porque uma das questões da Fundação SESP, é assim: “Você vai trabalhar em qualquer lugar?” Eu disse: “Vou trabalhar em qualquer lugar.” Então, podia ir para Amazônia, tal... Só que surgiu essa vaga na Paraíba, então eu passei três anos trabalhando lá, de 76 a 79. Quando foi em 79, aí abriu concurso para sanitarista do Ministério. Aí eu fiz o concurso, e... Uma coisa assim, inusitada. Tinha... o concurso, ele abria possibilidades para várias categorias profissionais e tinha o pedagogo sanitarista. E como eu já tinha especialização, eu já fiz o concurso para entrar no nível, no B, não é? Tinha A, B, C, D. Aí eu já entrei no B. E, não tinha, essa categoria não existia dentro do Ministério, não é? Eu fiz, aí passei. Na minha classificação, eu podia escolher ir para Brasília. E eu achei que seria uma coisa interessante eu ir trabalhar...

DN – Como assim, não entendi. Espera aí. Não tinha... que categoria?

CR - Não, não tinha, porque...

DN - Teve o concurso, mas não tinha a categoria?

CR - Não, não. No Ministério não existia essa divisão de categorias. Foi a partir do concurso que foi criada. Então, era uma coisa nova, eu não tinha... não é? porque quem entrou na categoria médico sanitarista, tinha os outros médicos lá. Eu não tinha ninguém, a carreira estava começando. Então, além de eu ter a classificação, eu tinha ‘n’ lugares para escolher. Porque não tinha, não é? Aí eu escolhi ir para Brasília. Trabalhar, naquela época: “Ah, vou eu vou trabalhar no Órgão Nacional de Educação e Saúde.” Porque tinha

a Divisão Nacional de Educação e Saúde, lá em Brasília. E aí eu fui, fiz o concurso, isso foi em 79, no final de... dia 29 de novembro de 79, eu já estava em Brasília. Para assumir lá na Divisão Nacional e Educação e Saúde. Aí fiquei lá...

AB - Você já conhecia o trabalho da Divisão? Assim...

CR - Já. Já conhecia.

AB - Já tinha contato, pelo menos...?

CR - Já, já. Já conhecia.

AB - ...de algumas pessoas, que você...?

CR - Já, já. porque no período que eu trabalhei na Fundação SESP, que eu trabalhei nesses Programas Especiais, eles... esses Programas Especiais, a área de educação era coordenando pela Divisão Nacional de Educação e Saúde.

AB - Você fez esse contato?

CR - Então, primeiro teve a Hortência Holanda, depois foi a Rosa Pimon?...

AB - Pimon...

CR - E tinha todo aquele trabalho: A Hortência com aquele trabalho de Saúde como Expressão de Vida, que tinha tudo a ver com a questão ambiental, não é? Quer dizer, a gente tentou, tentou (risos) trabalhar muito nessa linha. De trabalhar com grupos da comunidade. O período que eu passei na Fundação, a maior carga de trabalho, eu trabalhava com as Unidades da Fundação SESP, mas tinha uma carga muito grande de trabalho com comunidades, onde iam ser implantadas melhorias sanitárias, por causa da Esquistossomose; onde iam ser feitas as melhorias habitacionais, por causa da Doença de Chagas. Então, teve trabalhos muito interessantes. A gente tinha um grupo que chamava de Auxiliares de Educação, que ficavam lá na comunidade mesmo. Faziam aquela... que podia a chamar de agentes, hoje, que ficavam lá na comunidade e a gente fazia um trabalho de coordenação, fazia-se capacitações. Foi uma época muito interessante de trabalhar mesmo com a comunidade, sabe?

AB - E de conhecer a realidade...

CR - A realidade, é.

AB - ...em que vocês deviam estar implantando os sistemas, não é?

CR - Quer dizer isso era... É, foi uma coisa muito forte para aquele período. E aí tinha toda uma diretriz nacional, eram programas nacionais. E quem dava a diretriz nacional era a Divisão Nacional de Educação e Saúde, nessa época. Então, eu tive contato com a Hortênsia Holanda. Tive contato depois com a pessoa que a substituiu ela, que foi a Rosa Pimon. A gente tinha... fazia reuniões no Ceará. Fazia na própria lá em João Pessoa... o Ministro naquela época era o Almeida Machado¹, que era um ruralista, não é? Que a gente podia dizer, assim, porque ele trabalhava muito essa questão das... que eles chamavam na época, endemias rurais, que era a esquistossomose, Chagas, essas coisas. Ele era um apaixonado por isso, uma pessoa muito interessante. Na época, o José Carlos Seixas era o Secretário Executivo do Ministério. E depois de muitos anos, eu encontrei o Dr. Seixas lá no Ministério. E, eles iam muito ao interior, ficavam, montavam Ministério lá no interior e aquela coisa, não é? Então, assim, eu tive muito contato com o pessoal de... o pessoal da SUCAM², que também tinha muito trabalho, pessoal da... e do Ministério. Então... e as pessoas já me conheciam e conheciam o meu trabalho e aí ficaram interessados que eu fosse para Divisão Nacional e Educação e Saúde.

DN - Cristina, na Divisão não tinha outra pedagoga sanitarista?

CR - Não. A partir do concurso, sim...

DN - A Hortênsia era enfermeira?

CR - Não. Não sei qual era a formação da Hortênsia. Mas a Hortênsia era SUCAM. A SUCAM, ela tinha as educadoras sanitárias. A SUCAM tinha dentro do quadro da estrutura tinha as educadoras sanitárias. E, se não me engano, a Hortênsia era educadora sanitária. E tinha um grupo enorme de educadoras, tanto no nível nacional, porque antes tinha Ministério e SUCAM, não é? E Fundação SESP. Eram órgãos separados. Tanto que teve... tinha concurso para ir para SUCAM e tinha concurso para ir pro Ministério. Eu fiz para ir pro Ministério. No Ministério não tinha... Tinha médicos, enfermeiras tradicionais,

¹ Paulo de Almeida Machado foi Ministro da Saúde entre março de 1974 e março de 1979.

² SUCAM- Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

mas outros profissionais? A partir do concurso, entrou advogado, entrou administrador, entrou pedagogo, entrou comunicador social. Foi um concurso mesmo, na visão do Almeida Machado era muito essa de formar essa equipe multi... multidisciplinar, não é? Ele tinha... O concurso foi concebido na época dele. Inclusive, ele queria valorizar muito a categoria dos sanitaristas, não é? Inclusive com decisões assim de que tantos por cento dos cargos condicionados, seria para os sanitaristas do quadro, os sanitaristas teriam direito a apartamento funcional... Porque foi nacional. E, quando a gente foi assumir, ele já não estava mais, já era outro Ministro e aí não foi tanto assim. Tanto que muita, muita gente que foi para Brasília, veio embora. Eu, pelo menos, fiquei louca para vir me embora. Depois, foi me acostumando e aí ficando.

AB - É, foi ficando. (risos)

CR - Fui ficando.

AB - E a perspectiva que você teve, quando você optou por ir trabalhar na educação e saúde, quando você chegou, quais foram as primeiras atividades que você se viu envolvida?

CR - Lá em Brasília?

AB - Lá em Brasília. Com que grupo...?

CR - Aí, aí assim, quando a gente chegou, quer dizer, eu trabalhei no final de 79, aí trabalhei um tempo numa... Eles estavam fazendo uma pesquisa para fazer um diagnóstico da educação e saúde no Brasil em termos de recursos humanos, disponibilidade, estruturação nas áreas. E eles tinham feito a coleta de dados, que eu estava esses dados todos lá. E eu lembro que o primeiro trabalho, que eu fui fazer, foi esse: foi me debruçar em cima desses dados e fazer, preparar, um documento com esses dados. Foi o primeiro trabalho. Isso foi quando começa a questão da poliomielite, não é? Aí, como eu era conhecida por conta de ser da Fundação SESP, o Secretário Nacional era do SESP, Dr. Risi³.

³ João Baptista Risi Júnior – Médico epidemiologista, Secretário Nacional de Ações Básicas de Saúde, do Ministério da Saúde durante 10 anos onde elaborou a proposta e coordenou os Dias Nacionais de Vacinação contra a poliomielite e um dos entrevistados desse projeto.

DN - Você o conheceu na Fundação SESP, não?

CR - Não, não. Eu conheci já lá. Porque ele era... ele trabalhava no Rio e no Rio Grande do Sul, não é? Porque ele fazia parte de um grupo da Fundação SESP que era mais ligado à epidemiologia. Ele não era o profissional comum do SESP, que é aquele que trabalha na regional, que faz supervisão de dados. Ele fazia parte de um grupo como o [Roberto Augusto] Becker – não sei se você conhece o Becker?

AB - Conheço.

CR - Era o Becker, era o Risi...

AB - Cláudio da Silveira...

CR - É. Era um grupo... era o grupo do Rio Grande do Sul que fazia esse... tanto que o Rio Grande do Sul não tinha Fundação SESP. Ele tinha uma Unidade de Vigilância Epidemiológica, Unidade de Epidemiologia, alguma coisa assim. E Dr. Risi vem desse grupo e assume a SNABS⁴. Aí... mas, assim, o sepiano, ele tem alguma coisa meio...

DN - É identidade, não é?

CR - É, você foi do SESP, nunca deixa de ser. Que nem Fiocruz. (risos) Só que Fiocruz é mais forte, não é? Mas assim, você foi do SESP, todo mundo tem assim, não é? Então... e mesmo assim na questão da poliomielite havia uma... uma decisão e uma compreensão de que os educadores tinham que estar juntos.

DN - Mas... só um instantinho. Que questão da poliomielite?

CR - A vacinação.

DN - A vacinação. Por conta de que? Quer dizer, já estava decidida a vacinação nessa hora?

⁴ SNABS- Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde

CR - Não, não, não. Não. Foi todo um processo. Que a gente acompanhou desde o início, porque a discussão de se fazer vacinação... até chegar a fazer vacinação, foi uma discussão que se deu dentro da SNABS. Quem coordenava...

DN - Você participou dessa discussão?

CR - Participei, participei.

DN - Como é que foi essa discussão?

CR - Ó, tinha muita briga, muita briga mesmo. Porque o...

DN - Quem defendia o quê?

CR - O... por exemplo, o Sabin, ele queria fazer uma grande pesquisa, um diagnóstico nacional sobre a presença de sequelas de pólio. E tinha um outro grupo que queria fazer a vacinação. Que achava que era urgente.

DN - Esse outro grupo seria o grupo do Dr. Risi, por exemplo?

CR - É, eu não sei se...

DN - O grupo que estava no Ministério?

CR - Eu acho que o Dr. Risi, ele ficava muito, na... como é que se diz...? Na...

AB - Coordenação do conflito?

CR - Na coordenação, não é? Porque...

DN - Na efetivação disso.

CR - É, exatamente! Ele ficava... como uma pessoa muito equilibrada, muito tranquila, ele ficava mais costurando essas coisas. E, aí o Sabin veio aqui, outro... teve vários... vários momentos de discussão. Assim, eu participava, mas não era... integrante dessa coisa. Isso aí ficava muito mais na mão dos epidemiologistas. Dos epidemiólogos, da OPAS, do pessoal da OPAS, desse grupo.

DN - Então você participava como? É, aconteciam reuniões, e se discutia isso...

CR – E a gente estava lá.

DN – E você estava na reunião?

CR - Exato.

DN - Mas quem, em suma, intervinha mais eram os epidemiologistas?

CR - É, uma discussão de epidemiólogos, não é? Porque aí a decisão final, quando decidiram: “Vai-se fazer a vacinação.” Então, aí a gente entrou de cheio. Tanto para trabalhar a questão da comunicação, como para trabalhar essa coisa, que era estruturar as campanhas nos Estados. E essa foi a grande, a grande tarefa nossa, não é? Que foi... organizou duplas. Tinha um epidemiologista e um educador, e a gente ia em dupla para os Estados para montar todo aquele esquema, não é? De fazer grupos ligados à questão de recursos humanos, a questão da logística, a questão da orientação técnica. E a gente fazia os vários grupos da comunicação, grupos com o pessoal da Secretaria, com outras instituições e organizações. A gente teve ocasião de juntar, assim, 100 pessoas numa sala. E, além de fazer, era também um papel de convencer da viabilidade dessa vacinação. Porque esse era o grande questionamento. Todo mundo achava que era uma loucura fazer isso! E realmente a gente saía pelos Estados para defender essa ideia e...

AB - Você estava bem convencida?

CR - Eu acho que eu estava. Eu acho que eu não tinha dúvida, não. Ou talvez naquela época, eu não, não... nem me preocupasse muito com a dimensão disso, entendeu? Eu acho que era uma coisa assim: “Vamos fazer.”

DN - Existia uma decisão, que era para ser efetivada.

CR - É, e assim... a gente teve... porque isso era interessante dentro da SNABS. A gente tinha fase preparatória de tudo, entendeu? Então se discutia, tá? A gente estava lá discutindo as diretrizes... técnicas, as diretrizes que... se produzia documentos, se discutia a fundo aqueles documentos. Então, era como se você estivesse fazendo uma cabeça... uma lavagem, entendeu? Então, você ia se convencendo da viabilidade daquilo. Porque era discutido...

DN - Você era envolvida com aquele processo...

CR - Exatamente. E todo mundo! Era um trabalho assim do grupo. Porque tinha laboratório, vigilância epidemiológica. E era uma equipe nova, uma equipe super unida, não é? O pessoal e, às vezes, até, muitas vezes, muito divertida. Deco é muito divertido. E a gente...

DN - Agora, Cristina, nesse processo da decisão e mesmo assim, definir como seria a implementação dessa... dos Dias Nacionais de Vacinação – que é disso que a gente está falando nesse momento – você lembra como que era discutido em relação ao papel da vigilância epidemiológica, que estava vinculada a SNABS, que era, como você estava falando, era o grupo mais... que estava liderando isso, e o papel do PNI⁵ nesse momento, que já existia, não é? Quer dizer, que teoricamente era quem, quem... o órgão que estaria cuidando da vacinação no Brasil.

CR - É.

DN - Você consegue lembrar como é que foi essa...?

CR - Veja bem. Olhe, porque eu acho que o ano de 80, ele foi também o ano de fortalecimento do PNI. Porque se a gente for olhar antes de 80 o PNI era uma... era pouca coisa, não é? Era assim... você tinha grupos... porque a Fundação SESP, ela também fez um trabalho de implantação de Unidades de Vigilância Epidemiológica por esse Brasil à fora. Então, você tinha aqueles... aqueles núcleos de... só com essas pessoas que a gente trabalhou, não é? Nos Estados. Eu me lembro Ana Rosa, no Ceará – Ana Rosa que hoje está em Brasília – uma que morreu recentemente no Rio Grande do Norte. E depois esse grupo foi se fortalecendo e formou o grupo do PNI e da Vigilância. Mas eu acho que muito do PNI, ele começou... em 80 houve o primeiro curso do PAI aqui, do Programa Ampliado de Imunizações. Foi em 80! Quer dizer, antes disso, ninguém é muita coisa...

DN - Até aí a atuação do PNI era mais esporádica, onde havia um surto de...

CR - Mais. Não era, não era... a gente não tem muita coisa sistematizada, antes disso, antes de 79, viu? Era uma coisa meio solta. Muito na mão da Fundação SESP e, não do Ministério, entendeu? Não tinha... Essa coordenação era feita tanto da imunização, como da vigilância, tinha muita coisa que era feita a partir da Fundação SESP. E quando o Dr.

⁵ PNI – Programa Nacional de Imunização

Risi vai para lá, ele leva muita coisa para lá, inclusive os técnicos, entendeu? E começa a trabalhar articulado. Então, eu acho que o PNI, ele foi instituído em 73, não é? O PNI...?

DN - É. É implementado em 75, me parece...

CR - É, o Programa é desse período. Mas ele era uma coisa assim, até a gente faz essa análise, e antes disso era uma coisa assim: assistemática, por conta muito da iniciativa dos governos estaduais, da preocupação... assim, não tinha uma coisa de nacional mesmo.

AB - Política Nacional, não é?

CR - É. E acho, assim, que a campanha de pólio, ela ajudou isso a se estruturar e...

DN - A Campanha Dias Nacionais de Vacinação?

CR - Dias Nacionais de Vacinação, não é? E eu acho que ajudou também as vigilâncias estaduais, não é?

DN - Sim. No caso o PNI tinha também uma coordenação... coordenações estaduais desde o começo, não?

CR - Não, eu acho que não tinha não. Tinha não. Tinha a vigilância, essas Unidades...

DN - A Vigilância tinha.

CR - É. Eu lembro que quando a gente começou a trabalhar na campanha... Eu lembro, porque aqui em Alagoas tinha e a gente trabalhou muito, na época em que eu estava aqui ainda, na campanha de... A gente fez um trabalho muito legal com vacinação canina contra raiva. Tanto que eu conheço o Belotto dessa época que eu trabalhava aqui. Belotto trabalhava na raiva, na Fundação SESP, entendeu? E que trabalhou por esse Brasil todo, implantando Unidades de Vigilância Epidemiológica. Então a vacinação, ela era uma coisa que estava ali junto, mas não tinha uma coordenação. Isso foi se estruturando depois.

AB - Essa sua ida, essa sua chamada... você ter sido chamada por esse grupo para ir trabalhar direito com as campanhas na pólio, na estruturação disso... é por isso você saiu pela Divisão de Educação e Saúde?

CR - Não. Não.

AB - Você foi pela Divisão...

CR – Pela Divisão.

AB - Trabalhar nesse grupo, nesse... é grande força tarefa, não é?

CR - É, porque a força tarefa, ela foi estruturada com as pessoas que estavam na Educação e Saúde, entendeu? Então todas, todas nós, que éramos mulheres, todas. Tinha pedagogo, tinha comunicador social. A gente formou as duplas com os epidemiologistas...

AB - E você fez dupla com quem?

CR - Ah, eu fiz dupla com o Zé Hilton, que já faleceu, não é? Fiz dupla com o Pirajá, eu acho que viajei algumas vezes; fiz dupla com o Ivanildo⁶; fiz dupla com o Cláudio Amaral⁷; fiz dupla... eu não sei se eu cheguei a viajar com o Pirajá. Vocês conheceram o Pirajá?

DN - A cada Estado era uma dupla diferente?

CR - Não, por exemplo, com o Zé Hilton...

DN - Poderia repetir ou não, não é?

CR - Poderia repetir ou não. Quer dizer, eu fui... a minha primeira... a minha estreia foi com Cláudio Amaral, recém chegado da África, entendeu? (risos) Fui pro Mato Grosso do Sul.

DN - Que estreia.

CR - É. Foi a minha estreia, foi com Cláudio Amaral. Com o José Hilton, eu fui... com Zé Hilton eu fui quase todo o Nordeste. Eu passei 20 dias viajando, não é? A gente foi para Natal, foi para Fortaleza, foi para Teresina e foi para São Luís. Fizemos esse... com José Hilton. Depois eu fiz algumas... No dia, no Primeiro Dia Nacional, eu estava no Mato Grosso do Sul, não é? No Mato Grosso do Sul, foi assim uma experiência maravilhosa,

⁶ Ivanildo Franzosi - Biólogo com especialização em saúde pública, dirigiu de 1977 a 1979 a Divisão Nacional de Laboratórios de Saúde Pública do Ministério da Saúde e é um dos entrevistados desse projeto.

⁷ Cláudio do Amaral Júnior – Médico, foi coordenador nacional de Campanha de Erradicação da Poliomielite e é um dos entrevistados desse projeto.

fantástica! Você vê aquilo ali acontecendo. E o Mato Grosso do Sul era um estado novo, não é? Tudo recente, aquela equipe, um bando de jovem. Eu sei que tinha uma menina que engravidou e a filha dela, ela botou o nome de Poliana (risos) por causa da...

DN - (risos) Por causa da poliomielite.

AB - (risos) Que barato!

CR - Um barato! Foi realmente um barato. E isso foi uma...

AB - Quer dizer, isso mostra o quanto que essa expectativa, essas coisas, influenciava vocês na vida, não é? Assim, vocês estavam mais em função, daquela... como é que vai ser isso na verdade? Porque planejar é uma coisa e ver acontecendo, não é?

CR - É. E eram uns baitas desafios...

DN - Cristina, todos os Estados tiveram alguém do Ministério no Dia da...?

CR - Acho que teve.

DN - No Dia Nacional de Vacinação? No Primeiro Dia?

CR - Teve, todos os Estados. Foi uma coisa maluca. A gente fez, um Projeto Piloto em Santa Catarina, que foi todo mundo de todos os Estados do Brasil. Eles fizeram, me parece, dois projetos pilotos, dois pilotos. Parece que um foi em Vitória e outro em Santa Catarina. Eu fui ao de Santa Catarina. Coisa de louco! Um monte de gente que era mobilizada para ir ver acontecer, entendeu? Coisa de louco!

AB - E aí também já era para mobilizar a própria comunidade para o que ia acontecer na frente, não é?

CR - Sim, era, era... o piloto era a realidade mesmo. Era o dia, a montagem, a logística toda, divulgação, todo mundo fazendo a vacinação.

AB - E acontecia a vacinação?

CR - A vacinação. Era piloto mesmo! Piloto mesmo, acontecendo...

DN - E se repetiu em junho?

CR - No dia. E se repetiu no dia, no primeiro dia. Assim foi... eu, e assim, eu acho que...

DN - E você participou desse Piloto?

CR - Participei, eu fui também como observadora, não é? Porque tudo foi montado pelo grupo, com o apoio de um grupo que parece maior, mas foi montado lá no local, pensado, montado tudo.

DN - E você lembra assim, quais os problemas maiores que...

CR - Olhe, o maior... eu acho que o maior problema que era, assim, que eles se debruçavam muito, era a questão da logística. E, eu lembro que eles chamavam as equipes da SUCAM com aqueles mapas que é o...

Fita 1 - Lado B

CR - ...é RG. RG que chama, da SUCAM. Eles fazem os caminhos por onde eles andam. E aí você tinha... você pegava aqueles mapas, o pessoal SUCAM vinha com aqueles mapas e botava em cima da mesa e: “Vamos por aqui. “Aqui vai ser a equipe volante.” “Aqui...” Aí pegava o mapa da cidade, aonde é que vai ser fixo. Fixo porque já tem; fixo, temporário e se montava. Então, assim, os números eram mega, não é? Tantos milhões de pessoas envolvidas. E, assim, uma coisa incrível que se trabalhou foi a questão do voluntariado. Professores fazendo vacinação, professores como vacinadores, como registradores, porque era vacina...

DN - De fácil aplicação.

CR - ...de fácil aplicação. Então, teve um envolvimento muito grande, não é? Para se fazer essa vacinação de um dia. E, você tinha um esquema todo montado. Com supervisor para não sei quantas equipes; e que hora ia pagar a vacina; aqueles carros de tudo quanto era de instituição, para estar naquela véspera, daquele dia lá para pegar... e pegar as vacinas, pegar as equipes e assim... Era uma operação de guerra mesmo.

DN - Você acha que foi desperdício, assim, no sentido de que teria sido uma estratégia maior do que o necessário? Ou de se ter utilizado recursos maiores do que do que o necessário para, em suma, fazer uma cobertura de 80% da população infantil? Qual a sua avaliação.

CR - Olhe, eu, eu, eu... eu não sei. Eu não avalio como desperdício.

DN - Na sua avaliação. Não estou...

CR - Eu tenho a impressão de que vivi alguns momentos de, de dúvida, você entendeu? daquilo tudo que a gente montava para fazer a vacinação, para aplicar uma vacina, não é? Isso... a gente... até porque, a gente era um grupo dentro do Ministério e tinha o grupo contrário. O grupo que achava que aquilo ia contra toda e qualquer proposta de estruturação, de organização dos serviços, que a campanha atrapalha o serviço. Tinha uma série de coisa. Então, você tinha esse embate dentro do próprio Ministério. E, às vezes, você se perguntava: “Puxa vida, esse esforço todinho para aplicar uma vacina.” Mas, assim, depois, com o correr do tempo, você começa a avaliar que pode até ter sido. Mas você tem os dividendos disso... Por exemplo, eu acho que a estruturação da Vigilância Epidemiológica, do Programa de Imunizações, a própria organização das equipes, a prontidão para ação, não é? Porque aí a gente começa a entender, que a prestação do serviço, ela não se dá só dentro das quatro paredes. Então, eu tenho que sair, para fazer vacinação, para fazer outras coisas também. Então, eu acho que isso serviu para mostrar que a gente não tem que trabalhar só com a equipe de saúde. Você pode trabalhar com a comunidade, eu acho que teve dividendos. Eu acho que foi uma coisa... E, assim... puxa! A gente conseguiu erradicar a poliomielite, não é? Isso é uma coisa!... Você não tem o instrumento? Você tem! A vacina ali, de fácil aplicação, disponível, eficaz, por que não usar? E uma outra coisa também que se colocava é que essa era a estratégia de a gente ocupar o espaço, o meio ambiente, com o vírus vacinal, não é? Que essa era a forma. Então você tinha que fazer o mais rápido possível, o mais maciçamente possível. Então, eu acho que foi uma grande aprendizagem para Saúde Pública. E mesmo depois quando foi... Hoje, hoje em dia a gente ainda faz dois Dias Nacionais de Vacinação. Só que a gente coloca a questão da multivacinação porquê... E esse é o questionamento que eu faço: porque até hoje a gente não conseguiu que população vá voluntariamente vacinar seus filhos, cumpram o esquema...

DN - Na rotina?

CR - Na rotina. Então, você usa os dias de vacinação para resgatar e completar o esquema de vacinação. Essa é a realidade da gente.

AB - Você comentou sobre a questão de um grupo contrário. Quer dizer, as vozes contrárias, pessoas que diziam que, na verdade, se podia estar desarticulando a estruturação do serviço e tal. E você colocou que tinha esse grupo dentro do próprio Ministério. Não estava só nas secretarias municipais, nem estaduais, dentro do próprio Ministério.

CR - Não, dentro do próprio Ministério.

AB - Você localiza dentro de algum setor mais específico do Ministério?

CR - Era o pessoal ligado à Secretaria Executiva, tinha o grupo de Recursos Humanos, o grupo do Rio Grande do Sul, que estava trabalhando naquela época no POA, não sei... que é programação integral ou articulada, um negócio assim, que trabalhava muito mais...

DN - Trabalhava no POA?

CR - É, POA, era uma programação... ou era PON? Eu não me lembro. Eu até participei de algumas viagens disso, que era... eles iam nas secretarias para fazer uma discussão da estruturação, do planejamento articulado, integrado, vendo a prestação de serviço como um todo. Então, isso fugia totalmente dessa...

AB - Que era o momento em que se estava articulando a questão de um Previsaúde, não é? Você tinha todo aquele contexto aí...

CR - Isso, isso, isso, isso, isso! Então, era uma coisa que fugia totalmente, não é? E o grupo achava que não tinha nada haver, que a gente era verticalista. Aquela coisa do vertical e do horizontal, não é? O grupo vertical, o grupo da Fundação SESP, tinha essa coisa toda, não é? E, assim, embora tivesse um Ministro que quisesse isso, que era o...

DN - O Arcoverde.

CR - O Arcoverde⁸. Ele queria, ele era do grupo do Rio Grande do Sul, o Arcoverde.

AB - E o Secretário Executivo também queria.

⁸ Waldir Mendes Arcoverde foi Ministro da Saúde entre outubro de 1979 e março de 1985.

CR - Não. O Secretário Executivo do Arcoverde era o...

AB - Era o Mozart⁹.

CR - Mozart. O Mozart ele... eu acho que ele mais contra do que a favor. Ele era... muito mais para esse lado de cá.

AB - Que era... depois que decidiu, que foi executar e tal...

CR - Sim, porque já era uma decisão do Ministro, não é?

AB - Era executar.

CR - Uma decisão do Ministério.

AB - Aí se tornou participante, nesse sentido...

DN - Então você acha que ele era contra, porque você assim... tem um registro de algum pronunciamento dele nas reuniões ou porque ele tinha uma ligação maior com o grupo que era contra?

CR - Com o outro grupo, é...

D - Com o grupo que era contra.

CR - Era, e ele fazia esse trabalho, muito mais de estruturar... de formar as bases. Eles faziam esse trabalho. Porque... Lógico! Era uma coisa completamente doida! Entendeu? Eu não estou... é claro que você montar uma estratégia de vacinação dessa eu desestruturo! Não tem jeito! Eu estou fazendo uma coisa fora da rotina.

DN - Ou pelo menos você não está reforçando a estrutura de mudar de...

CR - Não estou reforçando! É óbvio que é. E a gente reconhece isso. Por exemplo, eu fazer... atualmente o que é que você faz? Você faz duas campanhas nacionais, você faz uma campanha de idoso, você ainda... ano passado nós fizemos uma campanha de vacinação contra a rubéola, em mulheres em idade fértil. Você imagina o que é isso dentro

⁹ Mozart de Abreu e Lima era Secretário Executivo do Ministro Arcoverde e é um dos entrevistados desse projeto.

da rotina de um sistema de saúde? É uma loucura! Você vive trabalhando em função de fazer campanha! Isso é o real, é a realidade. Só que você naquele momento, isso daqui era uma coisa, e esse aqui foi outra. E teve os seus objetivos. É isso que eu digo, tem seus dividendos, entendeu? Eu acho que teve um aprendizado muito grande pro sistema de saúde, para própria organização do serviço (inaudível) não é? Porque também, você vê hoje em dia, que esse lado aqui, ele não consegue cumprir. Então, eu tenho aqui instrumentos, insumos, e... e não consigo fazer chegar na população! Aí então você tem que apelar para estratégia. Então, eu preciso fazer isso. Rubéola está aí, não é? Aí você vai fazer o quê? É essa estratégia.

DN - E você acha que essa... quer dizer, a rede de serviço, a rotina não consegue dar conta da imunização por conta de deficiência da rede no sentido de ter Unidade de Saúde espalhadas em todo Brasil, deficiência da equipe, ou falta de educação em saúde, falta de estímulo para que a população leve as crianças ao posto?

CR - Eu acho que tem de tudo um pouco.

DN - Você acha que isso dá mais por conta de quê?

CR - Tem de tudo um pouco.

DN - E que varia conforme o...

CR - Porque veja bem, se eu trabalho em um município, eu tenho um município que tem 280 crianças para vacinar um ano, menor de um ano. Porque se vacina o menor de um ano, você já se livra, não é? Esse é o preconizado. Eu tenho 280 crianças para vacinar, tenho 'X' do Programa de Saúde da Família e eu não consigo vacinar 280 crianças! Tem alguma coisa errada, gente! Eu preciso fazer uma campanha para resgatar? Então tem alguma coisa errada na organização do serviço, na prestação dos serviços... muito mais do que tem... Da população que eu digo é o seguinte, a gente trabalha... trabalhou desde de 80 com campanhas maciças de informação à população sobre vacina. E a gente não consegue hoje que ela vá (batendo na mesa) voluntariamente fazer... cumprir esse esquema básico. Então tem alguma coisa aí que a gente não conseguiu fazer. Então, na rotina, eu acho que é muito mais a equipe perceber que ela tinha que fazer alguma coisa para durante 12 meses buscar aquelas crianças que nascem. Porque não é complicado. É

complicado assim, uma cidade grande, não é? Mas nesses municípios pequenos, você vê que não consegue! Você consegue cumprir 50% dos meninos que nascem? Então, eu acho que é uma falta mesmo de você... Porque você podia, dentro de todas as dificuldades que você tem, que eu sei que tem, não é? Você priorizar algumas coisas. Porque a vacina está ali, a seringa também de alguma forma chega, não é? Quer dizer, se faz capacitação, se faz reunião para discutir como melhorar as estratégias e você... não é? E principalmente hoje quando a gente tem o Programa de Saúde da Família, e, por exemplo, em Alagoas 72% da população é coberta pelo PSF. O PSF trabalha por micro áreas. Então eu sei quais são os meninos que têm ali na minha micro área. Porque é que não vacino? Então eu vejo assim, que tem uma série de coisas, entendeu? Que precisaria mudar, talvez... sei lá!

DN - Talvez a certeza das vacinadoras e do pessoal de enfermagem dos postos que a vacina (risos) resolve como vocês tiveram em 1980, não é? Para fazer os Dias Nacionais de Vacinação.

AB - Você contou para gente um pouco da sua experiência, que era você acompanhar essas duplas, formar essas duplas, ficava a parte disso e ia...

CR - Para os Estados.

AB - Pros Estados, não é? E aí vocês chegavam nos Estados, o trabalho de vocês era com a equipe de saúde dos Estados e era também, descendo para pensar comunidade, como mobilizar comunidade? Vocês também iam a esse...?

CR - De maneira geral era assim a gente chegava, tinha... a equipe da Secretaria já tinha articulado – quer dizer, geralmente o nosso contato era a vigilância epidemiológica – ela já atinha articulado alguém da educação e saúde se tivesse; alguém da comunicação social, não é? Alguém da área... de todas as áreas envolvidas; logística; já tinha convocado o pessoal da SUCAM daquele Estado; já tinha convocado o pessoal da Fundação SESP. Aí vinha a Secretaria de Educação, a Secretaria de Governo e você fazia um grande fórum para colocar a ideia da estratégia e dali se formavam grupos. Então eu tinha o grupo da logística; eu tinha o grupo da educação; eu tinha o grupo da comunicação. Eu tinha... e esses grupos iam fazer reuniões e estabelecer um plano de ação.

DN - Para o Estado todo?

CR - Para o Estado como um todo. Aí eu tinha um grupo que ia descer aos municípios para fazer essa mesma coisa lá, não é? Então tinha o grupo do treinamento... Quer dizer, cada componente da estratégia era trabalhado por grupos interinstitucionais, não é? Era essa ideia também. E aí, assim, o grupo sentava e ia fazer sua proposta, nessa ida nossa era geralmente assim, não é? Você ia, sentava, fazia a proposta, depois voltava, apresentava para todo mundo, se discutia e pronto. A gente passava para outro Estado e o grupo continuava trabalhando. Depois você ficava monitorando. Voltava em algumas situações, que você tinha sentido que ia ter mais dificuldades, voltava...

AB - Você teve, assim, alguns Estados que você pode dizer que você sentiu, ou sentiu e vivenciou que teve mais dificuldade? Ou que teve um processo meio que... um pouco de resistência?

CR - Resistência tinha, tinha resistência! Resistências. Tinha a Bahia, tinha muita resistência. Alagoas, não é? Alagoas foi muito resistente! Porque aqui tinha um grupo – aqui eu lembro bem e na Bahia um pouco – um grupo mais progressista, entendeu? Na questão da... desse outro caminho aqui da questão...

DN - Era da ação primária em saúde?

CR - (pigarro) Ação primária; na questão da desestruturação; do que significava; que não tinha sentido fazer aquilo; que dava conta... que papapa. Então, tinha essa, tinha um grupo muito forte, não é? Porque Alagoas, ela hoje está muito desestruturada, mas ela tem uma história, não é? De avanços na época da Reforma Sanitária, de regionalização, não é? Um grupo muito... uma massa crítica muito interessante, com pessoal de regional muito bem de cabeça boa, de cabeça feita. Isso depois se diluiu, acho que hoje em dia, a gente tem pouco isso, mas esse grupo era muito resistente, não é?

Agora, tinha uma outra estratégia também que o Ministério fazia, que era fazer reuniões nacionais. Então, houve várias reuniões nacionais. Que ali você quebrava um pouco, entendeu? Porque eu me lembro que o Bira, – Ubiratan Moreira, que era o superintendente de saúde daqui – uma figura queridíssima. –Hoje em dia ele está na Fundação, ele é Diretor do Departamento de Saúde do Índio, lá na FUNASA, lá em Brasília – E o Bira era uma esfera, porta-voz, contrário a Campanha de Vacinação. Porque ele extremamente

politizado, não é? E ele ia para reuniões e... pedia a palavra sabia: lá vem... não é? Lá vem...

AB - Vem crítica aí, vem resistência.

CR - Aí tinha ele, tinha o pessoal da Bahia. Tinha o pessoal de São Paulo, não é? Imagina você montar uma estratégia dessa... Mas aí vinham os outros, que isso eram embates, não é? Discussões...

AB - Mas eram (inaudível) nacionais...

CR - Eu acho que ninguém teve coragem de não fazer. Eu pelo menos não vi. Para Alagoas eu não vim, porque eu disse: “Santo de casa não faz milagre... (risos) Eu não quero! Eu quero ir para outras bandas!” E, assim, a gente escolhia assim: “Ó! Para Bahia vai fulano, porque tem condições de argumentar, de segurar uma discussão.” Agora, nos Estados que eu fui, eu lembro que eu e o Zé Hilton, a gente teve um embate fortíssimo no Ceará. Porque o Ceará, já naquela época se desenhava uma coisa bem forte mesmo de não permitir. Foi muito difícil lá no Ceará. Um auditório lotado de gente, uma... foi, foi difícil no Ceará. Nos outros não foi muito, não.

DN - E o que você acha que quebrou essa resistência no Ceará, por exemplo?

CR - Não. Eu acho assim, que a gente tinha argumentos muito bem fundamentados. Porque a gente foi muito bem preparado. Eu acho que é aquilo que eu disse, aquela preparação toda de você... a gente tinha discussões de perguntar mesmo: “Olha, o que é isso?” Cada um que tinha... era mesmo de você descer a fundo na discussão, aquela coisa toda de... não é? Nós ficamos assim *experts* em pólio, na doença e tudo mais. E todo mundo trabalhava aqui não conjunto. Não tinha: “Isso é do educador.” Não. A gente ia para discussões no conjunto. Então eu acho que tinha... tinha...

AB - Tinha solidez para argumentar?

CR - Tinha solidez para argumentar e para discutir. E a gente tinha assim, muito apoio, apoio político, não é? Da época. E a gente chegava no Estado e ia falar com o governador, com todo apoio. Não pedia audiência, a audiência já estava marcada. Então, tinha toda essa coisa da estruturação política. É, numa época de...

DN - É, é isso que eu ia perguntar agora. (tosse) A conjuntura política que a gente sabe, nessa época ainda era de Ditadura, quer dizer... (barulho externo) já em processo... ou iniciando um processo de abertura, mas ainda o presidente não era eleito, o presidente militar, não eleito pela população e tal. Isso daí atrapalhou, ajudou, quer dizer, teve aspectos positivos (risos) que a gente pode dizer... que uma Ditadura tenha aspecto positivo em relação a alguma coisa ou... Sabe? Ou...

CR - Não. Eu acho que a gente pode dizer que ajudou nesse sentido. Porque você tinha resistências, mas no final das contas nenhum Estado ia dizer que não ia fazer. Porque se dissesse ia ter alguma forma de chegar lá e dizer que ele tinha que fazer. Porque era uma coisa decidida. Isso é verdade! Quer dizer, a gente achava que estava muito bem preparado, você teve... pensou... se pensou em tudo tecnicamente, mas tinha essa decisão.

DN - Quer dizer, na verdade, vocês técnicos também, do outro lado, se... prepararam de argumentação para discutir nos Estados. Mas tinha uma decisão...

CR - É, tinha, tinha uma decisão.

DN - De cima.

CR - Porque veja vem, eu nunca entrei nesse mérito sobre porque que cargas d'água quiseram fazer isso. Mas tinha uma realidade que era uma epidemia de poliomielite no Brasil, não é? Pelo menos eles diziam. Quer dizer, a gente ia continuar enfrentando aquilo ou aceitando que alguém chegasse lá de fora e dissesse: "Não vamos vacinar. Vamos fazer uma pesquisa para ver qual a proporção de sequelados na população brasileira." Aí... foi essa a decisão que houve, não é? Agora assim, eu avalio como uma coisa extremamente técnica, cuidadosa, entendeu? Foi uma... eu avalio assim.

AB - Quer dizer, que essa conjuntura da epidemia em Santa Catarina no Paraná, e tal, era uma questão que era muito levada como o grande argumento para ter...

DN - Como justificativa.

CR - Exato.

AB - Como justificativa para ter...

CR - E outro argumento, assim, resultado, que era a questão da vacina, não é? De fácil operacionalização e que você podia contar com a colaboração de pessoas não especializadas, entendeu? Então, porque não fazer?

AB - Uma outra coisa que eu ia te perguntar é a questão da publicidade, o uso da mídia para esse primeiro Dia, não é? Recurso, a rádio... O que você vivenciou assim para exceção desse primeiro Dia Nacional?

CR - Olhe, eu... a minha avaliação é a seguinte: A gente não tinha muita experiência. Eu acho que o uso a mídia em saúde, ele teve também... as campanhas também serviram para isso, não é? Porque até então, a gente tinha pouca coisa, esparsa. E a campanha de pólio, uma coisa nacional, um dia único, isso foi também um exercício, da gente aprender isso daí. Tanto que na época, as campanhas de comunicação, elas eram feitas assim, como é que a gente diz? Domesticamente. Não tinha uma agência de publicidade. Era o grupo da assessoria de comunicação, junto com alguma produtora que fez esse trabalho. Tanto que a Aristel, que hoje ainda está no Ministério, era da assessoria... João, João Ferreira era o assessor de Comunicação do Ministro, naquela época do... como é que... (inaudível) E eles pensaram a campanha, inclusive a menina era filha da Aristel, que aparecia no VT etc e tal. A gente tinha mais experiência de fazer material gráfico. Então, pensamos no cartaz, um *folder*, o material para os profissionais, para o treinamento. A gente pensou algumas coisas e levava alguns protótipos – quando ia nessas viagens a gente já levava modelos de *slogans* para alto-falante, para faixa de rua... A gente tinha um *kit* básico, não é?

AB - E aí ia, o Estado ia...

CR - Ia e botava o jeito dele.

AB - Envolvendo...

CR - Fazia... procurava patrocínio, sabe? Camisetas, tudo eles... a gente discutia com eles lá. A nível nacional, eu acho que teve uma campanha de VT, um... não me lembro muito. Porque isso, ele foi se aperfeiçoando com o correr das campanhas...

DN - E no caso de vocês também não tinha um publicitário na equipe...

CR - Não, não.

DN - Vocês pensavam a campanha e entregavam a alguém para fazer ou vocês mesmos...?

CR - Não, não. Eu acho que é esta primeira campanha foi feita pela assessoria de comunicação do Ministério, do Ministro com alguma produtora. Nesse momento aí não tinha agência, não tinha essa coisa da agência. A agência de publicidade chegou muito tempo (estalando os dedos) depois. Porque eu acho que durante muito tempo as campanhas eram pensadas lá no Ministério, *papapa...* depois é que começou a chegar gente de publicidade e assumir isso aí. E a gente fazia um *release*, não é *release*, não. Como que é? Fazia um... aquilo que você vai, diz o que quer e eles vão e pensam e depois voltam. E apresentam a campanha. Isso já foi depois, não é? Nesse início, foi uma coisa bem assim, bem artesanal podia até chamar assim, bem doméstica mesmo.

AB - Doméstica, dentro do Ministério.

CR - E foi um exercício bem mesmo dentro do Ministério. E assim, a minha avaliação e que a partir daí, a gente começou a ocupar a mídia com campanhas na área de saúde, não é? Que foi se ampliando e proliferando. Mas acho que começou mesmo... Agora, assim, nesse primeiro Dia, eu acho que o forte era esse *kit* que a gente levava e que os Estados... Tanto que teve uma... uma reunião que o pessoal trouxe tudo o que tinha feito, não é? E que fez uma exposição, cada um pensou um jeito. Depois é que isso foi ficando mais uniforme e aí se começou a fazer em nível nacional, e aí você já manda o cartaz pronto, entendeu? Já tem aquele... aí foi em cadeia nacional aquele VT, *papapa...* E, mas no início tinha assim, tinha muita produção nos Estados, sabe? Muita coisa. Teve nos primeiros anos, teve. Muito em função dessa coisa que a gente ia, trabalhava, preparava e o pessoal caía em campo para fazer.

AB - Quer dizer, isso também caracteriza que a mobilização...

CR - É. Era.

AB - ...nos Estados ela funcionou?

CR - É. E teve Estados, como a Bahia, que apesar da resistência, eles depois começaram a investir e fizeram coisas muito bonitas. Até hoje a Bahia ainda quer... faz o seu, não é? Porque aí começou a profissionalizar mesmo.

DN - Eles fazem os próprios cartazes?

CR - Cartazes, VT e tudo. Eles fizeram um material, não sei se vocês chegaram a conhecer? Eu falei da outra vez e não sei... Eles fizeram o material dos 25 anos do PNI, pegando muita coisa que eles tinham: foto de camiseta, foto de cartaz, foi um material muito bonito.

AB - É, os 25 anos do PNI na Bahia, não é?

CR - Na Bahia, é.

AB - E, uma coisa também que a gente queria puxar com você, assim, é desses organismos sociais que participam, as organizações que participam no dia a dia das primeiras campanhas, não é? Seja igrejas, escolas, Rotary's. Assim o que você nos lugares onde você estava, em especial porque você foi pro Mato Grosso, como é que você viveu? Como é que você viu assim a participação da população nesse primeiro Dia Nacional? Tinha isso assim...?

CR - Tinha.

AB - A população estava ali? Tinha alguma coisa mais forte no Mato Grosso que te chamou mais a tenção?

CR - Olhe, uma coisa que me chamou muito a atenção na época foi os... rádios amadores, não é? Porque naquela época, 80, a gente não tinha essa facilidade, de celular, de telefone, e eles montaram uma rede mesmo. E no dia, no final do dia, de tarde, eles fizeram uma passeata no centro, todos os rádios amadores. Eles fizeram... eles se comunicavam e diziam aonde é que estava faltando vacina, onde precisava remanejar, mandar daqui para lá, de cá para lá.¹⁰

¹⁰ Alguém entra na sala e diz: “Bom, desculpa...” e a gravação é interrompida.

CR - E, assim, foi muito forte os rádios amadores lá no Mato Grosso do Sul. Então, eles fizeram uma passeata linda no centro da cidade de tão envolvidos que eles ficaram e de tanto quanto eles se sentiram úteis, não é? Assim a... educação era uma coisa fantástica em todo canto. A disposição, a disponibilidade dos professores de estarem participando das campanhas, de estarem sendo vacinadores, de oferecer as dependências das escolas para ser...

DN – Posto.

CR - Posto de vacinação. Hoje eu acho que isso se perdeu um pouco, não é? Porque hoje se faz tudo muito em cima. Ninguém trabalha sem receber uma ajuda de custo e fica muito em cima os próprios profissionais. Isso se perdeu um pouco ao longo do tempo.

AB - E agora a gente está andando...

DN - Perdeu... só um instantinho. (risos) vou aproveitar o gancho – perdeu, mas... perdeu entre a população, digamos assim, mas perdeu também esse estímulo que, no início, vinha do Ministério, quer dizer, vinha do nível central para que a coisa acontecesse, não é?

CR – É. Eu acho que perdeu, sim, perdeu. Porque eu acho que é assim: É a rotinização das campanhas sabe? (risos) Então... assim, você chega, você vai para uma discussão, “Ah, a gente já faz campanha há 20 anos...”

DN - Já sabe como é...

CR - “Já sei como é que vai fazer tudo.” não é? Quer dizer, há duas semanas atrás, fiz uma reunião com os municípios que estão com cobertura abaixo das preconizadas em 2001. E você vai e começa assim: “Gente, quais são as dificuldades, que vocês encontram para alcançar essas coberturas?” É assim: “Não, não. É, falta o transporte...” aquela coisa assim, não sai muito, entendeu? “Faz estratégia.” “Ah, não, a gente já sabe fazer.” Qual é a estratégia que você vai usar para superar isso? Então é uma coisa mesmo que virou rotina, não é? Assim, sabe que tem um recurso adicional, que o Ministério ainda manda recurso adicional para operacionalizar as campanhas, não é? Esse recurso, ele vai muito mais em cima de ajuda de custo. Ajuda de custo que é um dinheirinho que você ganha naquele dia para ir trabalhar. Então o dinheiro quase todo vai nisso aí. Então, assim, virou... institucionalizou mesmo as campanhas.

É um momento importante, a gente considera. Não abre mão, porque é o momento de resgatar, não é? Aquela história, você tem 200 crianças para vacinar, não consegue, no dia da campanha você consegue subir sua cobertura um pouco, não é? Completar esquema, iniciar esquema é o momento que você faz. Então, muito se estrutura em torno das vacinas injetáveis, que complicam um pouco, não é? As coberturas de pólio, inclusive, a gente preocupa, porque estão baixando na rotina e também nas campanhas, não é? Com aquela história do vírus mutante, a gente até fez uma reunião para a pessoa estar mais atento, para ver se vacina mesmo no dia. Manter altas coberturas.

DN - Mas isso está baixando ultimamente, não é?

CR - É.

AB - Vamos trocar...

Fita 2 - Lado A

AB - ...andando, a gente teve um outro momento do próprio processo da pólio, não é? Em que se começa os Dias Nacionais pensando controle da doença. Já pensando erradicação, mas é controle. Aí tem uma hora que entra a questão da erradicação, não é? 85, erradicação... 85, 86, erradicação e tal...

CR - Sei... É. Sei.

AB - O que isso mudou para vocês que estavam ali no dia a dia?

CR - E, aí nessa... em 86, já começa dentro da própria SNABS uma preocupação maior com essa questão da divulgação, não é? Da comunicação mesmo. E aí, tem... a Aristel já não está mais na comunicação social, ela já está lá na SNABS e aí ela (soluça, pede desculpa) naquela época assume uma Divisão Técnica de Divulgação, aí eu fui trabalhar com ela e...

AB - Ligada diretamente a SNABS?

CR - Ao doutor Risi, não é? E eu vou trabalhar com ela e mais umas duas pessoas... E a gente...

AB – Era aonde o doutor João Lima¹¹ também... chegaram a trabalhar juntos, não é?

CR - Estava. Era, era. Porque o João Lima era na epidemiologia, eu trabalhava na Educação, quando a Aristel chega, estrutura essa área e eu fui trabalhar com ela. E aí, assim, a gente começa a pensar em coisas, não é? Para mobilizar, para retomar aquela coisa toda, da... e já começa a pensar numa coisa de nível nacional. Dar uma cara! Dar um jeito à campanha de vacinação. E aí o Darlan¹² vai trabalhar com a gente, não é? A gente já pensando nessa coisa, eles se conheciam já e o Darlan vai trabalhar...

AB - Ele já era do Ministério?

CR - Ele era. Ele trabalhava na CEME¹³ e ele é um artista fantástico, não é? Ele fazia... ele trabalhava nos rótulos dos medicamentos. E trabalhava a idéia de você fazer rótulos, que pudessem estar orientando a pessoa, da tomada, tudo assim de uma forma mais ilustrativa, já que tinha uma grande parte da população que não sabia ler. Quer dizer, ele é um cara assim, um artista voltado para essas coisas, não é? E aí a gente consegue que ele vá trabalhar lá com a gente. E ele começa a entrar na questão da vacinação, a preocupação com a prevenção. Com aquela coisa de tentar explicar para as pessoas como é que a vacina age no organismo e porque é que eu tenho que tomar a vacina antes de adoecer. Porque a gente imaginava que uma das questões que fazia com que a população não fosse se vacinar era a falta de compreensão desse processo. Quer dizer, porque você se preocupa com a saúde, quando está doente. Pelo menos na maioria dos casos. Essa concepção mudou muito de uns anos para cá, não é? A questão de mais saúde, corpo saudável, essa coisa. Mas, isso era muito forte: “Eu não estou doente, por que é que eu vou me mobilizar? Sair da minha casa e fazer isso?” Então, foi muito nesse sentido, não é? A gente tentar trabalhar a questão da compreensão, não é? Inicialmente foi uma coisa da gente buscar uma marca, uma marca para erradicação. Aí ele bolou a partir daquela foto, daquele estudo que um fotógrafo fez do andar de uma criança e a partir dali, ele fez aquela... a seqüência do Zé Gotinha. Como era pólio, gota, ele pensou a gota, não é? O formato da gota e o Zé Gotinha andando a partir de 86 até a erradicação. Então essa era a

¹¹ João Lima Filho – Médico epidemiologista, dirigiu a Divisão Técnica da Secretaria Nacional de Ações Básicas em Saúde (SNABS/MS) e chefiou o Setor de Vigilância da Divisão Nacional de Epidemiologia/MS e é um dos entrevistados desse projeto.

¹² Darlan Rosa - Pintor e escultor, é o criador do Zé Gotinha.

¹³ CEME – Central de Medicamentos

marca da erradicação da poliomielite. E... aí pronto! Começamos a pensar, foi feito um concurso nacional para dar nome ao boneco. E uma série de coisas que foram feitas. E, depois disso evoluiu para o Zé Gotinha representar as outras vacinas, então, até hoje o símbolo do Zé Gotinha é uma ciranda, não é? Que você tem o Zé Gotinha de várias cores, cada uma representando uma vacina. Isso foi também uma coisa... foi a partir daí da evolução dessa coisa como uma marca da imunização.

DN - Então, o Zé Gotinha foi feito para pólio?

CR - Foi feito para a pólio.

DN - E depois, incorporado ao PNI¹⁴ como um todo?

CR - Ao PNI como um todo. Ele foi feito...

DN - Ou ampliado pelo PNI?

CR - Ele foi feito para a pólio. O desenho dele é uma gota, não é? A gente... quando teve o concurso que ganhou esse nome, Zé Gotinha, a gente até não gostou muito, porque gota... aí é que amarrava mesmo a questão da pólio. Mas aí... não tem como, não é?

AB - Porque já se queria... ali naquele momento vocês já queriam que mais amplo, fosse para imunização e não para pólio?

CR - É, é, é.

AB - É isso?

CR - É, porque assim, era uma coisa muito efervescente, assim, uma equipe muito, não é? Assim de pensar mil coisas...

DN - Então as coisas eram rápidas?

CR - Eram rápidas. Era um grupo pequeno...

¹⁴ PNI – Programa Nacional de Imunização

DN - Uma hora pediam ao Darlan uma marca para pólio, mas a seguir já estavam pensando em todas as vacinas, não é?

CR - É, porque... até a gente fez um documento que era a ‘A marca de um Compromisso’ E logo depois vem “A Marca, Desenvolvimento e Uso”, a gente deu esse nome. Porque já foi um, como é que se diz? Um desdobramento daquilo, não é? Aí, assim, a ‘Marca de um Compromisso’ é preto e branco, esse outro já tem cores, é cheio de colorido. Aí tem, assim, sugestão de uso etc e tal. A gente começou a trabalhar em oficinas para resgatar técnicas artesanais, e fazia...

AB - E o que é que são essas oficinas? Visualiza-me isso para eu conseguir... me dá um...

CR - É assim... você trabalhar com... trabalhar com... tem uma coisa que chama... como é? Tem uma coisa que você faz o desenho, pinta e tira, como é que chama isso? Que se faz isso muito?! Decalque.

DN - Decalque.

CR - Não, não. Que o desenho é furado e você passa tinta e quando você tira o desenho está lá, entendeu?

DN - Esse é decalque.

CR - É. Formas alternativas, trabalhar com madeira, fazer colagem... essa coisa que a gente fazia, tentando já resgatar. Lá na comunidade, eles trabalhavam com o quê? É com desenho, com pintura, com que tipo de coisa? E como é que isso poderia reverter para você está trabalhando a questão da informação e saúde. Então, a gente fez em função da... nós temos três oficinas, Arapiraca, Araripina, eh... teve um outro lugar. Fez em alguns lugares. Era uma coisa assim meio...

DN - Aracaju.

CR - Aracaju. É, assim difícil, porque era o Darlan que pensava isso, que bolava, não é? A gente ia lá para o interior, fazer com eles, não é? Na tentativa de que aquilo se reproduzisse. Fizemos treinamento de pessoas do Estado lá em Brasília para que eles reproduzissem nos seus Estados. Assim, já pensando o seguinte: que a comunicação, ela

não podia ser uma coisa de lá, do Planalto Central para todo mundo igual, entendeu? Que a gente até podia ter uma coisa que desse essa marca.

AB - Mas com uma unidade?

CR - Mas eu tinha que ter uma sustentação... que desse uma unidade, não é? Mas eu tinha que ter essa sustentação no nível local a partir das coisas que eles tinham, lá, não é? E aí foi esse esforço, foi nesse sentido de você está...

DN - E foi, essas oficinas foram produtivas?

CR - As que aconteceram foram, não é? Mas aí depois não teve continuidade.

AB - E essas que você está colocando que aconteceram, assim, levam a gente a já ir para um outro momento que você viveu, que é isso aí e que é a questão de que não foi à toa que foi nesses lugares, não é? Vocês estavam ali em função...

CR - Ah, sim, sim.

AB - De um novo surto, não é?

CR - É, sim. É

AB - O surto no Nordeste, 86, quer dizer, eram área de maior risco, não é?

CR - É.

AB - Como é que foi vocês viverem...?

DN - Mas... Desculpem. Antes disso eu queria perguntar uma coisa, porque a gente já entra na questão da marca, já no momento da erradicação. Quer dizer, se você participou também desse processo da discussão da erradicação. Quer dizer, houve uma decisão, que aí não foi no nível central, no Brasil, não é? Foi fora, pela erradicação.

CR - Foi.

DN - Quer dizer, o Brasil concordou, vamos dizer assim, assinou os termos, o compromisso da erradicação. E, deve ter vindo do Ministério então toda uma discussão

acerca dessa questão, não é? É, assim, você participou dessa discussões, como é que foi? Todo mundo imediatamente achou que era a hora mesmo da erradicação, ou não achou?

CR - Eu acho que não deu para achar, sabe?

DN - A decisão estava dada?

CR - É, a gente já vinha num processo de controle da doença, não é? Eu acho que tinha se investido muito. Algumas coisas estavam meio descobertas e eu acho que a vigilância era uma delas. Então a proposta de erradicação, ela veio muito... eu acho que gente tinha uma... a vacinação de certa forma ela vinha se encaminhando, ela acontecia, etc e tal. Mas a vigilância, eu acho que estava descoberta e aí...

DN - Nesse momento o PNI já estava forte?

CR - Já, já. Já estava forte. Isso foi 86?

DN - 86.

CR - Já, já estava forte. Aí, assim, a vigilância, ela foi que recebeu toda a ênfase na... em 86 com a proposta de erradicação. Porque aí você formou um grupo forte que era o GT-Pólio, na lá SNABS, um grupo exclusivamente voltado para isso, foram montadas propostas de capacitação de profissionais que atendiam os pacientes para fazer a... como é? A...

AB - A busca de casos?

CR - A suspeita, a busca de caso, a notificação, a questão do exame, não é? Foi... a gente tinha consultor neurológico, foi feito VT de capacitação com neurologista. Quer dizer, se nesta... Quando veio a proposta de erradicação aí esse cuidado muito maior nisso. E a gente na área de divulgação, de comunicação, a gente achou que era o momento de você estar fazendo alguma coisa, além de estar fazendo filmete na televisão chamando a população. Então, vamos dar unidade, vamos trabalhar... Aí foi, foi, por quê? Aí o PNI era tão forte, que a gente começou a trabalhar na idéia da marca se ampliar...

DN - Ampliada.

CR - ...paras outras vacinas.

DN - Quer dizer, na verdade foi uma história ao inverso: em 80 o PNI se fortaleceu com os Dias Nacionais de Vacinação, em 86 a Vigilância Epidemiológica... (risos)

CR - Acho, com certeza.

DN - Não é? Se fortaleceu, pelo que você está dizendo é isso, se fortaleceu com a erradicação, não é?

CR - Foi. Eu lembro que eu participei... A gente tinha consultores da OPAS lá no Ministério. Eu me lembro que eu participei de uma – mesmo na área de educação, a gente participava desses processos – eu me lembro que eu participei no Hospital de Base em Brasília, de uma oficina, de um... (batendo na mesa) era um treinamento mesmo de busca ativa. Quer dizer, a preocupação que se tinha era de estar realmente... que é o que tem hoje no sarampo, não é? Notificação negativa, aquela coisa... Quer dizer, foi realmente uma escola de vigilância. Eu acho muita coisa hoje, você propõe busca ativa, as áreas silenciosas... foi daquele tempo, o aprendizado foi ali.

DN - Foi a partir da decisão da erradicação?

CR - Foi, foi.

AB - Antes o que se tinha mesmo era a vacinação?

CR - Era a vacinação e a vigilância aquela coisa bem... não é? Porque eu acho que essa visão da vigilância ativa, de não sei do que... eu acho que ela foi muito alimentada nesse período. Eu lembro que o pessoal ia... e nesses municípios que foram considerados, naquele período, municípios de risco, a gente tinha uma ida lá, que era uma frente de trabalho. Então, você tinha cursos para os médicos e enfermeiros da rede, que tinham esse VT de neurologista, não sei o que. Então, tinha um grupo que ia fazer o curso com os médicos daquele município; tinha o outro grupo que ia fazer a oficina de resgate; e tinha o outro grupo que trabalhava um seminário interinstitucional com participação da comunidade, que a gente ia discutir a questão da poliomielite. Aí entrava, a questão mesmo da... isso daí foi, assim, foi uma experiência muito interessante, entendeu? Que depois, inclusive a gente não... porque a ideia era... porque aí você não limitava. E na hora que você parte para discutir com a comunidade, você não limita a questão nem de vacina, nem de pólio, não é? Na hora que você abre uma discussão, (barulho de buzina) leva para

lá o secretário nacional... porque a gente levava. levava o Dr. Risi, levava um bocado de gente, não é? Então você ia lá e abria para comunidade e pronto! Que vinha lá... que e eu acho que isso foi um dos fatores que não impediu que a gente avançasse um pouco mais, não é? E fosse para outros municípios. Porque a ideia era essa, era ampliar essa discussão. Logicamente com a dificuldade de quem está lá em Brasília e vir para Arapiraca fazer um seminário desses. Mas eu me lembro que em Arapiraca, a gente levou o Campos da Paz¹⁵, não é? Porque tinha uma questão aí não resolvida, porque quem tinha sequela de pólio, o que... qual era a alternativa que você estava dando, não é? Porque lá no interior não tinha como tratar, fazer fisioterapia, não sei o que. A gente viabilizou a ida de muitas crianças para Brasília lá para no...

AB - Para o Hospital Sarah.

CR - ...no Sarah fazerem o trabalho. E, a gente começou a fazer... a montar a ideia com o Campos da Paz, de montar oficinas localizadas para aparelhos de... enfim...

AB - Ortopédicos?

CR - De ortopédicos, não é? E a gente ainda conseguiu...

DN - Oficina para a produção de... para a confecção de aparelhos ortopédicos?

CR - Para a produção de... Isso! É. Que era uma coisa que não ia servir só para pólio, etc e tal, não é? Mas, até nisso a gente pensou, mas aí depois abandonou. Mas assim, foi uma época...

AB - Uma época ativa, não é?

CR - ...que se tinha muitas ideias e tudo o mais, sabe?

AB - Esses seminários interinstitucionais, que você falou quem promovia era própria SNABS?

CR - Era a própria SNABS...

¹⁵ Aloysio Campos da Paz Junior, cirurgião-chefe do Hospital Sarah.

AB - Tinha a participação do PNI? O PNI... (inaudível)

CR - Tinha, tinha. Olha, iam todos lá. Todos iam lá. Quem fazia vigilância, ia lá falar da vigilância; quem fazia imunização ia lá falar da imunização; falava o secretário municipal local. Falava todo mundo. E aí depois você abria pro debate, não é? E eu acho que muita gente se viu contra a parede, aí desistiu. (risos) É, a comunidade pergunta mesmo, não é? “O que é que você vem oferecer aqui de concreto mesmo?” Não sei o que... Era muito interessante.

DN - ...desistiram de realizar os seminários?

CR - É, e depois isso, eu acho que um pouco foi isso, não é? Pelo menos assim: “Ah, vi ser muito difícil...”

DN - A pressão é forte, não é? (risos)

CR - É. “Vai ser muito difícil...”

DN - Quando a pessoa se coloca frente a frente à população...

CR - “...a gente vai sair daqui, vai não sei o quê.” Aí pronto. Eu lembro que o seminário de Araripina, eu estava grávida e não sabia. Menina, uma coisa, uma tensão, sabe quando você...? – Eu ficava na coordenação – naquela de dar as falas...

AB - É, e tirar as falas, além do debate, coordenar o debate...

CR - ...de tentar segurar, não é? Uma loucura, uma loucura! Mas foi muito bom. O de Arapiraca eu já estava grávida. Foi muito interessante.

DN - E essas cidades foram: Arapiraca, Araripina...

CR - E Aracajú.

DN - E Aracaju, você tinha falado na outra ocasião que era...

CR - Arara...

DN - Arara. (riso) É porque existia um número maior de casos de poliomielite?

CR - É.

DN - Estava ocorrendo algum surto? Não. Só era a questão da estatística...?

CR - Eu não sei se eles caracterizaram como surto, não é? Eu não sei se eles caracterizaram. Mas acredito que naquela situação era, não é? Era uma situação diferenciada em relação aos outros Estados, aos outros municípios, não é? Que eram três municípios.

AB - Tinha um número de casos...

CR - E assim: “Vamos fazer uma ação específica encima desses três municípios.” Aí, tinha a vigilância com o seu trabalho. Aí a gente... como é? Criou essa outra alternativa, vamos fazer um seminário, vamos abrir para comunidade para ela sentir a necessidade, *papapa*... E aí já gente entrava com a questão da vacinação. E lá, logicamente, você não conseguia segurar só nesse tema. Aí vai para questão da saúde, está lá o Prefeito, a Secretária...

AB - Serviço, não é? Posto de Saúde... Hospital que não tem... Tem tudo, não é?

CR - É. eu lembro que na de Arapiraca, hoje... a Secretária Municipal de Saúde na época é a perfeita hoje, não é? A gente se lembra é muito desse período. Quer dizer, você... ela era Secretária Municipal de Saúde, ela se expunha, não é? Na época, assim, para... porque ela hoje é prefeita. Tem um prestígio danado lá, política e tudo, na área.

AB - Também teve seus dividendos, (risos) no meio disso tudo.

CR - Com certeza! (risos)

AB - No meio disso tudo, teve dividendos. (risos) Aí essa pergunta que eu fiz também com relação a se o PNI estava lá, se tinha um representante do PNI, é para entender também como é que ficou essa relação do PNI, que está mais forte aí, mais estruturado, com mais força, com esse novo momento aí quando você tem um GT-Pólio, trabalhando com vigilância. Quer dizer, como é que você via a articulação ou não, a relação entre essas frentes?

CR – Não. Eu acho que... Elas se articulavam bem dentro da SNABS, não é? Tanto as três áreas – eu acho que nesse período, a área de Educação e Saúde ela se reservou um pouco mais em função disso, não é? Porque aí a gente... eu saí da Educação, fui para Divulgação e a gente tomou a frente das coisas mesmo em relação à pólio, em relação ao PNI e aí assim... Mas ali era uma coisa bem articulada, não é?

AB - Bem articulada...

CR - Aí surgiu o Boletim Epidemiológico, o Boletim da Pólio, que era um boletim semanal. Quer dizer que também o Boletim Epidemiológico já tinha, mas assim, o Boletim... o Informe Semanal de Pólio, não é? A gente trabalhou, nessa Divisão a gente trabalhou muito a questão da produção de manuais, de normas, dando uma linha... uma unidade. A gente também tinha essa responsabilidade

AB - Aqueles Manuais de investigação, não é?

CR - Tudo.

AB - Das bases técnicas...

CR - Isso!

AB - Porque o grande papel da divisão é também publicação e da divulgação dessas formas...

CR - Isso! É, de dar forma, de dar a cara, de revisar, de dar um jeitão. Assim, das Bases Técnicas da poliomielite tem um capítulo dessa parte de educação e mobilização, que até fui eu que fiz, que escrevi das Bases Técnicas... primeiro Bases Técnicas.

AB – A gente falou do concurso para escolha do nome do personagem, não é?

DN – Zé Gotinha.

AB - Zé Gotinha e aí foi àquela coisa... Foi pelas escolas não é? As escolas mandavam os trabalhos de seus alunos, não é? Não foi isso?

CR - A escolha do nome é...

AB - Não sei como é que escolheram.

CR - Não sei se foi escola, não. Acho que não foi não. Foi o concurso mesmo. Cada Estado... fez uma mobilização e fez uma... eu acho que foi a partir da escola mesmo, não é?

AB - Talvez através da escola. Agora, teve um outro concurso também, que você fez referência no seu currículo que era a premiação da criança completamente vacinada.

CR - Vacinada, que aí já dentro da...

AB - Você foi coordenadora, conta para gente o que é isso?

CR - Já é dentro... dentro da ideia de você está, não só cuidando de uma vacina, mas de um conjunto de um esquema de vacinação. Que você tinha, proteção, aquela coisa um pouco que tinha lá, não é? – “A gente fazendo tudo isso por causa de uma vacina, porque não potencializar?” – Então, assim a gente pensou que uma coisa para mobilizar, seria um prêmio para quem tivesse o esquema vacinal completo. Aí teve toda uma mobilização. O prêmio foi uma casa... Uma mobilização a nível de governo, não é? Uma casa. A criança que fosse sorteada... Então, tinha o regimento do concurso etc e tal. E a pessoa, o vacinador, que vacinou aquela criança... porque era a partir da Unidade de Saúde que mandava aquela...

AB - A ficha da criança.

CR - A ficha daquela criança que estava completa, não é? E aí aquele vacinador ele recebeu alguma coisa. Ele veio a Brasília, alguma coisa assim.

AB - Quer dizer premiava a criança, (barulho externo) a família com a casa, e premiava o vacinador?

CR - E o vacinador também.

AB - Era um incentivo a...

DN - Isso também já foi no processo da erradicação?

CR - Foi, foi. Foi já nesse, nesse... caminho assim de você está trabalhando as outras vacinas... não está trabalhando só pólio, não é? Na questão da divulgação a gente começou a ampliar e a marca passou a ser a marca do PNI, a marca do controle de vacina. A gente... ele fez uma série de desenho animado, explicando o processo de imunização que se dá dentro do organismo, trabalhando isso como se fosse uma guerra do Zé Gotinha contra os monstros. Havia um monstro da perna de pau, que era o da pólio; e tinha o do sarampo que era vermelho, parecia um diabo. Aí ele começou a trabalhar essa coisa da fantasia, não é? E aí fez vídeos, era uma série de vídeos explicando, tentando trabalhar isso... desses processos que se davam... Agora, isso a gente fazia com agência de publicidade.

AB - Quer dizer, já era um outro momento...?

CR - Já um trabalho profissional. Isso já vinha a algum tempo, não é? Mas assim a agência que ficou... trabalhou com a gente essa coisa do Zé Gotinha, foi muito interessante nesse período.

DN - E isso, Cristina, era... assim era geral no Ministério? Não foi uma coisa... Trabalhar com a agência de publicidade não foi uma questão específica do PNI?

CR - Não, não.

DN - Já era uma política geral do Ministério?

CR - ...do Ministério. É. Agora, o forte eram as campanhas de vacinação.

DN - Você localiza bem isso? Quando foi?

CR - Não localizo... Não me lembro assim... quando que começou, Entendeu? Mas eu acho que não demorou muito, não. A gente fez artesanal por pouco tempo. Aí começou... era um filão, não é? Aí eu me lembro que tinha. O grosso era as campanhas de vacinação. Mas você tinha... teve uma campanha de câncer de mama, teve outras campanhas que começaram a entrar. Mas o forte mesmo... porque eram duas. Era marcado, duas vezes por ano eu tinha que fazer aquela mobilização nacional. Então aquilo ali já tinha... Tinha que...

AB - Já tinha a marca. E aí, Cristina, acompanhando um pouco a questão da própria erradicação nesses anos que se seguiram, o que foi acontecendo, você foi ser Diretora da

Divisão Nacional de Ação Comunitária, não é? Você ficou dois anos, de 88 a 90, e tal. E você vai ser Assessora Técnica do PNI de 90 a 93. Então, esse momento que você volta. Quer dizer, volta não, porque você não estava... Foi a primeira vez você esteve diretamente dentro do PNI, não é?

CR – Foi.

AB – Como é que foi esse trabalho... Qual foi a tua função dentro do PNI nesse momento e é justamente o ano do processo de certificação, não é? Porque você tem a certificação em 94, mas você começa um processo em 89, não é? De fazer a...

CR - É.

AB - ...a busca. O último caso foi em 89, quer dizer...

CR - Eu acho que 88, 89, principalmente nesses dois anos, o PNI, ele começa a mudar um pouco a cara dele, não é? Ele sai de uma coisa operacional para se preocupar com a qualidade. Isso foi uma coisa muito forte no PNI. Eu acompanhei um pouco, porque a gente já começou a ver outras coisas.

AB - Quem estava no PNI, nesse momento?

CR - Nesse momento era a Isabel Stefano¹⁶, não é? Ela estava no PNI.

DN – Ela entrou depois do Ivanildo?

CR - Depois do Ivanildo. Não, eu acho que era ainda o Ivanildo e a Isabel já estava lá como ele, não é? O Ivanildo ainda era o coordenador do PNI. E aí, assim, começou a trabalhar... a se trabalhar um pouco mais a questão da qualidade. A qualidade da vacina com a questão da rede de frio, não é? A qualidade do registro que começou a trabalhar também e se começou a pensar na qualidade do profissional também. Assim... eu me lembro que em 88, 89 foi feito um levantamento geral, nível nacional, das condições de conservação do imunobiológico, tentando uniformizar a questão do registro. Quer dizer,

¹⁶ Isabel Stefano – Enfermeira com especialização em saúde pública, foi coordenadora do PNI e Presidente da Fundação Nacional de Saúde/MS em 1991. É uma das entrevistadas desse projeto.

as informações eram muitas. E assim, a partir de 90, quando houve toda aquele... em 90, o turbilhão...

AB - O turbilhão.

CR - ...que vem e acaba com a SNABS, não é? Cria a FUNASA¹⁷ e aí um pouco a área de epidemiologia e o PNI, eles ficam meio perdidos. Eu não estava aqui, estava fora, não acompanhei de perto. Mas assim, a área de Educação e Saúde foi destruída, não é? A SNABS ela ficou... solta. O pessoal conta que carregavam os documentos... As pessoas carregavam os documentos, para não se perder e foram se abrigar na FUNASA. Então... e aí, quando eu fui para o PNI em 91... eu fui para o PNI em 91, aí, assim, quem era o PNI? A Isabel Stefano era coordenadora, tinha mais uma outra pessoa, que era o Rodrigo, tinha mais dois auxiliares e aí eu fui lá compor a equipe. Assim, qual era o meu trabalho maior dentro do PNI? Era... Foi muito em cima de capacitação de recursos humanos. Então era assim, pensando, dando continuidade, aquela coisa da qualidade, não é? E aí a gente trabalhou muito em cima disso. Aí eu já não me liguei muito mais na questão da divulgação, certo? Então, eu me voltei mais... A gente montou aquele treinamento de sala de vacina.

AB - ...de vacina.

CR - E a gente conseguiu montar uma logística, um esquema, que a gente conseguiu disseminar aquele treinamento pelo Brasil inteiro, não é? A gente fez uma oficina em Fortaleza. Fizemos várias oficinas macro, mas a gente montou um esquema que a gente já sai da oficina já sabendo, não é? Quantos treinamentos iam ter, quantas pessoas... coisa de doido, mesmo! Quantas pessoas iam ser capacitadas, quantos manuais a gente precisava, quantos monitores iam ser capacitados? Assim... e aconteceu mesmo. Aconteceu. A gente reproduziu a quantidade de manuais necessária. E ainda hoje, o treinamento sala de vacina ainda é, não é? E aí a gente saiu também fazendo outras experiências. Montamos um treinamento de rede de frio em São Paulo, porque São Paulo na época era a central... deve ser ainda hoje, a central de rede de frio melhor estruturada, não é? Com câmaras, frigorífico. E aí se começou assim em 88, 89. 88, 89 eu acho que foi quando surgiu o *container* como alternativa para você construir as centrais de frios no

¹⁷ FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

Estado, não é? Que foi aquele projeto do Maciel com o Ivanildo, que eles fizeram com o Rio Grande do Sul. E isso depois foi se aperfeiçoando, não é? Então, a gente fez uma série de treinamentos em São Paulo., com o pessoal. Fazíamos reuniões de avaliação, reuniões de planejamento. A gente tinha... foi criado o Comitê Técnico Assessor de Imunização, não é? Com aqueles... os *experts* lá que discutiam, faziam reuniões, acho que foi criado nessa época...

DN – Isso também na gestão da Isabel?

CR – Da Isabel. E, foi criado... a gente tinha um Comitê Técnico Assessor e tinha um Comitê Técnico Operacional, que era um comitê de coordenadores de Imunização do Estado que se reunia para discutir essas questões operacionais mesmo, sabe? Discutir o manual de procedimento, discutir... E, assim, a gente tinha feito um manual da época, da década de 80, o manual de vacinação, o primeiro, e o primeiro manual de procedimentos, não é? Que eu participei do primeiro manual de procedimentos. O segundo manual de procedimentos já foi na época da Isabel. Aí já era muito mais completo, muito mais...

Fita 2 - Lado B

AB - Ele era muito mais detalhado, não é?

CR - Muito mais detalhado. Foi uma edição ampliada, não é?

AB - Ampliada do primeiro?

CR - Revista e Ampliada do primeiro. Então assim, houve um investimento muito grande na qualidade do Programa, não é? A Isabel é, assim, uma pessoa muito estudiosa, não é? Ela se preocupava mesmo, mas as raízes! São Paulo era a referência na época para gente e ela veio de lá – uma pessoa extremamente estudiosa das bases da imunização, das bases técnicas da vacinação. Então, ela deu esse outro lado do PNI. Então o PNI hoje é um programa forte, mas ele teve esse lastro, não é? Importante... que começou com o PAI, não é? Com por Programa... com aquele curso do PAI, que foi dado.

AB - Ele começa ali em 80, e não atua também no momento também dos Dias Nacionais... tem esses momentos. E aí você tinha falado para gente do momento da certificação, não é? Da reunião, da certificação e tal, não é? Mas, além do momento da

certificação como é que você vivenciou o processo, não é? Por que aí você tinha... que dizer, eu acredito que o PNI também estava envolvido com essa comissão...

CR - Estava, estava.

AB - ... que estava lá fazendo o processo, para certificar que estava erradicada a pólio. Quer dizer, como é que você viveu esse... ainda mais tendo vivido lá desde de 80, não é? Então...

CR - É, aí nesse período eu estava um pouco afastada, porque eu já não estava mais no PNI, não é? Eu já enveredei por outros caminhos lá na Fundação. nessa época, eu estava...

AB - Você estava na chefia de gabinete, lá.

CR - Na chefia de gabinete, não é? Então eu participei assim, de toda a preparação e de estar lá naquele dia, rever todo mundo. E foi... uma coisa muito emocionante. Foi uma festa muito bonita. ... Não, não participei diretamente do processo... do processo de certificação não participei muito, não.

AB - Certo. Então vamos ver isso... Bem assim de minha parte... Dilene, quer colocar mais? Porque a gente tinha colocado como questão para fechar... e a gente já até falou como é essa questão, como é que você avalia uma estratégia em cima de uma doença tão custosa mas... Você já colocou, não é? Essa questão, e tal. E te pedir assim para você fechar falando dessa questão da vivência da pólio. Uma coisa que eu não coloquei assim, o teu primeiro contado com a pólio doença mesmo, na sua vida. Não... independente até da questão profissional, não é? E, aí eu não sei, teve alguma coisa também na sua pós, na sua especialização em educação, você chegou a trabalhar com pólio, não foi? Com a sua professora? A gente não falou...

CR - É.

AB - A gente não falou.

CR - É, não falamos isso.

AB - Meio para fechar fazendo um balanço indo para trás, vai ser diferente mas...

CR - No curso de especialização você tinha que fazer um trabalho de campo. E, eu fiz um trabalho de campo, fazendo uma pesquisa junto a mães sobre vacinação. Junto à escola, sobre vacinação. E, tinha a questão da pólio e do entendimento disso daí. Mas ainda era também em termos de cumprimento de esquema, entendimento porque que não...

AB - Era na rotina também, não é?

CR - É, na rotina também.

AB - Certo. E com a doença pólio, assim, você teve experiência? Pessoas com pólio, ter vivido isso...era uma questão muito presente?

CR - Não, não. Não, eu acho que, assim, como qualquer outra coisa que é fora da normalidade uma deficiência ou qualquer coisa dessa tinha... chamava a atenção... muito demais. Mas não um tenho uma... não me lembro não.

AB - Uma marca maior?

CR - Marca maior, não.

AB - Já tinha esquecido, a professora lá da especialização era a Ruth, não é?

CR - Era a Ruth.

AB - Era Ruth Marcondes, não é?

CR - Marcondes, era.

AB - Foi a pessoa que foi a orientadora, não é?

CR - É, ela era Diretora do Departamento, não é? Da faculdade de... da área de Educação e Saúde.

AB - Em Educação e Saúde. Cristina, a gente queria deixar aqui registrado aqui o imenso agradecimento por essa tua disponibilidade, que a gente sabe que foi assim construída assim com muita força, para poder estar dando para gente esse depoimento, que agora é o depoimento definitivo. (risos) De outros que a gente vai ter, mas esse é o

inaugural e te agradecer muito por você ter dividido com a gente essa tua vivência com a pólio.

CR - Eu é que agradeço, eu acho que é uma oportunidade, eu acho que a gente tem que falar essas coisas. Eu acho que tudo é experiência e construção. E ainda tem muito aí por aí a construir. Obrigada.

DN - Quero deixar registrado também um agradecimento do Projeto História da Poliomielite e sua Erradicação.

Final do lado B
Esta fita não foi integralmente gravada